

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA

Ajustamento Psicossocial dos Irmãos de Pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo

Ana Beatriz Martins Pereira

M

2026



Ajustamento Psicossocial dos Irmãos de Pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo

Artigo de Revisão Bibliográfica

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Medicina, submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto.

Maio 2026

Estudante: Ana Beatriz Martins Pereira

Aluna do 6º ano profissionalizante do Mestrado Integrado em Medicina Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto

Endereço de correio eletrónico: beamarpereira@gmail.com / up202005359@up.pt

Orientador: Dr. Gustavo Miguel Cabral Machado França Santos

Assistente Hospitalar de Psiquiatria, Hospital de Magalhães Lemos, ULS Santo António Docente Externo, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto

Endereço de correio eletrónico: gmsantos@icbas.up.pt

Coorientadora: Prof. Doutora Susana Paula Gomes Amorim Barbosa de Sousa

Departamento de Ciências do Comportamento, Professora Auxiliar Convidada do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto

Endereço de correio eletrónico: spsousa@icbas.up.pt

Declaração de Integridade

Assinado por: Ana Beatriz Martins Pereira
Num. de Identificação: BI14711150
Data: 18-05-2026 20:29:33 +01:00



Ana Beatriz Martins Pereira

Mestranda e Autora

Sob a orientação de:

Assinado por: Gustavo Miguel Cabral Machado
França Santos
Num. de Identificação: BI13389475
Data: 18-05-2026 17:51:45 +01:00



(Dr. Gustavo Miguel Cabral Machado França Santos)

Sob a coorientação de:

Assinado por: Susana Paula Gomes Amorim
Barbosa de Sousa
Num. de Identificação: BI10318349
Data: 18-05-2026 21:01:06 +01:00



(Professora Doutora Susana Paula Gomes Amorim Barbosa de Sousa)

DEDICATÓRIA

Ao meu eu do passado, à criança que fui e, de forma muito especial, àquela adolescente de treze e catorze anos. Obrigada por teres aguentado firme quando tudo era tempestade, por teres carregado pesos que não deviam ser teus e por nunca teres desistido de nós. Hoje, quero abraçar-te e dizer-te que o teu esforço não foi em vão. Sobrevivemos às fases mais difíceis, estamos a quebrar os ciclos que precisavam de ser quebrados e a chegar onde sempre sonhámos. Prometi-te que ia valer a pena, e aqui estamos. Conseguimos.

“This is a tough place for sensitive people, but we need them. Badly.”

— Dr. Frank Langdon (The Pitt, Temporada 1, Episódio 9)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Gustavo, e à minha coorientadora, Dra. Susana, a minha profunda gratidão pela orientação científica, pela compreensão e pelo apoio constante. Obrigada por terem aceitado a minha proposta num abrir e fechar de olhos e pelas respostas sempre tão rápidas. O vosso incentivo e a disponibilidade que sempre me demonstraram foram pilares essenciais para a concretização desta tese.

À minha mãe, o meu maior apoio. Obrigada pelo cuidado diário, pelos imensos tupperwares de comida, por nunca falhares os meus momentos importantes e pela coragem de me deixares ir para longe, mesmo com o coração apertado. És o meu maior exemplo de uma mulher forte e independente, que me ensinou a desenrascar a vida e que "tudo tem solução menos a morte". Obrigada por acreditares em mim e por seres sempre, independentemente do teu cansaço, o meu lugar seguro para chorar e voltar. Muito do que sou hoje começou em ti.

Aos meus avós, os meus segundos pais, por me terem criado desde os três meses com amor incondicional. Obrigada pelo cuidado constante, desde a fruta ralada até me ensinarem a andar de bicicleta, até à emoção de vos ter a cartolar-me na conclusão deste curso com que tanto sonhámos. Sou a pessoa mais sortuda do mundo por celebrarem cada pequena conquista minha, por me dizerem que "valho por meia dúzia" e por me ensinarem que "o que tem de ser tem muita força". Que a vida vos mantenha perto de mim por muitos anos.

Aos meus irmãos, sei que não teria conseguido lidar com tanta coisa se fosse filha única. Obrigada pelas discussões, pelas piadas e pela certeza de que, mesmo nas fases mais caóticas, ter-vos por perto foi sempre um conforto especial. Ao **Tomás,** um agradecimento particular por todo o esforço que tens feito nos últimos tempos. Só nós sabemos o quão difícil é quebrar padrões e ciclos geracionais, mas prometo-te que vai valer a pena. Obrigada por seres um ótimo irmão, sempre preocupado com o Pedro. Um dia partilharemos o papel de cuidadores, e que seja um caminho tranquilo. Ao **Pedro,** a minha "foca-mínima", que é a verdadeira inspiração para esta tese. Obrigada por todas as vezes que me fizeste rir com as tuas frases, por todos os abraços, pelos "miminhos" e por me pedires tantas vezes para dançar contigo, forçando-me a sair da inércia da rotina. Vocês são uma parte essencial de quem eu sou.

Aos meus padrinhos, por acompanharem o meu percurso com carinho e um apoio inabalável ao longo destes anos. Obrigada por nunca me terem deixado desamparada. Fizeram-nos tantas vezes de forma indireta, ajudando os meus irmãos e a minha mãe, e de forma direta, nunca

me dizendo um "não" quando precisei, mesmo no meio de toda a azáfama das vossas próprias vidas. Agradeço-vos do fundo do coração por todas as experiências que me proporcionaram. Assumiram papéis na minha vida como ninguém e substituíram quem não o soube fazer. O vosso apoio e a vossa presença constante fizeram toda a diferença na conclusão deste curso.

À Professora Belarmina, que me ensinou a ler e a escrever, é também graças a si que hoje redijo esta tese. Muito à frente do seu tempo, provou ser um exemplo gigantesco de empatia. Nunca esquecerei a forma como me retirava da sala para conversar sempre que percebia que algo não estava bem, ou quando notava que eu abdicava de brincar para ficar atenta a tomar conta do meu irmão. A Professora sempre me viu como uma pessoa individual, perfeitamente ciente do peso que eu já carregava nessa altura. Deixou em mim marcas muito maiores do que imagina. Espero, um dia, conseguir fazer os meus doentes sentirem-se tão acolhidos e compreendidos como a Professora me fez sentir. Que na próxima vida seja infinitamente recompensada por todo o bem que fez nesta.

Aos profissionais de saúde mental que me têm acompanhado nos últimos cinco anos, o meu profundo agradecimento por me ajudarem a compreender-me melhor e a ganhar ferramentas valiosas para lidar com os momentos mais difíceis. Obrigada por me ajudarem a desconstruir preconceitos enraizados e a estabelecer limites saudáveis. Vejo uma pequena diferença todos os dias e, por isso, estou muito grata. Cada um de vocês, à sua maneira e no seu tempo, foi essencial para a minha estabilidade e contribuiu para o meu crescimento pessoal muito para além do percurso académico.

Aos meus amigos, obrigada pela companhia no dia a dia, fosse nas refeições na cantina, na troca de stickers ou nos áudios intermináveis. Agradeço por me ouvirem vezes sem conta e por me fazerem rir e abstrair quando tudo parecia demasiado. Acima de tudo, obrigada por compreenderem as minhas ausências, o cansaço e as respostas atrasadas, mantendo-se sempre presentes e sem nunca me cobrarem.

Ao meu gato Teco, o meu companheiro de catorze anos, que me obriga a fazer pausas nos estudos, afastando-me dos ecrãs para lhe dar mimos, e me faz companhia nos dias longos, mesmo que apenas a dormir tranquilamente ao meu lado.

RESUMO

Introdução: O vínculo fraterno é, habitualmente, a relação interpessoal mais duradoura na vida de um indivíduo, promovendo um crescimento recíproco em múltiplas dimensões. Contudo, a presença de uma perturbação do neurodesenvolvimento num dos irmãos altera profundamente estas dinâmicas. Nestes contextos, as experiências e o percurso evolutivo divergem de uma relação fraterna normativa, gerando trajetórias complexas que podem tanto potenciar como limitar o desenvolvimento pessoal, social e psicológico do irmão neurotípico.

Objetivos: Examinar o impacto da Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) no ajustamento emocional, psicológico e comportamental dos irmãos com desenvolvimento típico. Analisar o efeito das responsabilidades acrescidas e dos desafios interpessoais no desenvolvimento de estratégias de *coping*, na autonomia e na perceção de futuro. Adicionalmente, procura-se explorar as vivências na idade adulta e as implicações a longo prazo desta relação, compreendendo-a numa dupla perspetiva de vulnerabilidade e de crescimento pessoal.

Metodologia: Realizou-se uma revisão narrativa da literatura através de pesquisa nas bases de dados PubMed, Web of Science e Scopus. A amostra final integrou 45 artigos, correspondentes a estudos empíricos primários e estruturados, publicados em língua inglesa entre 2000 e 2025, com foco nos desfechos psicossociais desta população.

Resultados: A evidência demonstra que a relação fraterna na PEA sofre transformações dinâmicas ao longo do ciclo vital: observa-se postura protetora na infância, ambivalência e potencial distanciamento na adolescência, e reaproximação na idade adulta (frequentemente marcada por ansiedade antecipatória face ao futuro papel de cuidador). A "parentificação" emerge como fenómeno central que, embora promova maturidade precoce, acarreta elevado risco de sobrecarga emocional oculta e *burnout*. Identificou-se risco acrescido de psicopatologia internalizante (ansiedade e depressão), culpa e isolamento social, contrastando com o desenvolvimento de elevada sensibilidade interpessoal e sentido ético.

Discussão: Os irmãos de pessoas com PEA constituem um grupo de risco para perturbações de saúde mental, partilhando frequentemente vulnerabilidades neurodesenvolvimentais (fenótipo alargado de autismo). O reconhecimento clínico desta sobrecarga exige uma mudança de paradigma nos cuidados de saúde: a transição de uma postura passiva para uma vigilância ativa. A integração da anamnese sistémica dos irmãos na rotina clínica revela-se, assim, imperativa para prevenir a morbilidade psiquiátrica e assegurar a eficácia global das intervenções familiares.

Palavras-chave: *Perturbações do Espectro do Autismo, Irmãos, Relações fraternas, Mecanismos de Adaptação, Sistemas de suporte psicossocial, Família.*

ABSTRACT

Introduction: The sibling bond is typically the longest-lasting interpersonal relationship in an individual's life, promoting reciprocal growth across multiple dimensions. However, the presence of a neurodevelopmental disorder in one sibling profoundly alters these dynamics. In these contexts, experiences and developmental pathways diverge from those of a normative sibling relationship, generating complex trajectories that can either enhance or limit the neurotypical sibling's personal, social, and psychological development.

Objectives: To examine the impact of Autism Spectrum Disorder (ASD) on the emotional, psychological, and behavioral adjustment of typically developing siblings. To analyze the effect of increased responsibilities and interpersonal challenges on the development of coping strategies, autonomy, and perception of the future. Additionally, it seeks to explore adulthood experiences and the long-term implications of this relationship, understanding it through a dual perspective of vulnerability and personal growth.

Methodology: A narrative literature review was conducted through searches in the PubMed, Web of Science, and Scopus databases. The final sample included 45 articles, corresponding to primary empirical and structured studies, published in English between 2000 and 2025, focusing on the psychosocial outcomes of this population.

Results: Evidence demonstrates that the sibling relationship in ASD undergoes dynamic transformations throughout the life cycle: a protective stance is observed in childhood, ambivalence and potential distancing in adolescence, and reconnection in adulthood (often marked by anticipatory anxiety regarding the future caregiving role). "Parentification" emerges as a central phenomenon that, although promoting early maturity, entails a high risk of hidden emotional burden and burnout. An increased risk of internalizing psychopathology (anxiety and depression), guilt, and social isolation was identified, contrasting with the development of high interpersonal sensitivity and an ethical sense.

Discussion: Siblings of individuals with ASD constitute an at-risk group for mental health disorders, frequently sharing neurodevelopmental vulnerabilities (broad autism phenotype). Clinical recognition of this burden requires a paradigm shift in healthcare: transitioning from a passive approach to active surveillance. The integration of siblings' systemic anamnesis into routine clinical practice is therefore imperative to prevent psychiatric morbidity and ensure the overall efficacy of family interventions.

Keywords: *Autism Spectrum Disorders, Siblings, Sibling Relationships, Coping Mechanisms, Psychosocial Support Systems, Family.*

LISTA DE ABREVIATURAS

PEA - Perturbação do Espectro do Autismo

DSM-5 - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais 5ª edição)

DT - Desenvolvimento típico

PND - Perturbações do Neurodesenvolvimento

ÍNDICE

RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE	vi
1. Introdução	1
1.1 Perturbação do Espectro do Autismo	1
1.2 Vínculo Fraternal	3
1.3 Relevância da temática e lacunas existentes na literatura	5
2. Metodologia da Revisão	6
2.1. Desenho do Estudo e Justificação	6
2.2. Estratégia de Pesquisa e Bases de Dados	7
2.3. Critérios de Elegibilidade	7
2.4. Processo de Seleção e Extração de Dados	8
3. Resultados	9
3.1 Qualidade do vínculo fraternal	9
3.2 Diferenças no ajustamento ao longo do ciclo de vida	9
3.3 Quadros psicopatológicos e indicadores de vulnerabilidade psicológica	10
4. Discussão	11
4.1. Irmãos de pessoas com PEA como um grupo de risco em saúde mental	11
4.2. Risco neurodesenvolvimental, fenótipo alargado e história familiar	12
4.3. Parentificação, carga de cuidado e implicações clínicas	13
4.4. Implicações Clínicas: A Família como Unidade de Cuidado	14
4.5. Limitações e Direções Futuras	15
5. Conclusão	15
6. Apêndice	17
7. Bibliografia	23

1. Introdução

1.1 Perturbação do Espectro do Autismo

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma perturbação do neurodesenvolvimento caracterizada por défices persistentes na comunicação e interação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades, correspondendo, respetivamente, aos critérios A e B do Manual Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais 5ª edição (DSM-5)^{1,20}. Os critérios C e D exigem que estes sintomas estejam presentes desde o período precoce do desenvolvimento, ainda que possam manifestar-se plenamente apenas quando as exigências sociais excedem as capacidades individuais, e que determinem um prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, académico ou ocupacional.

Do ponto de vista epidemiológico, estima-se que a PEA afete aproximadamente 1 em cada 36 crianças, sendo uma das perturbações do neurodesenvolvimento mais prevalentes⁴⁶. O aumento progressivo do número de casos identificados, observado nas últimas décadas, tem sido atribuído à maior consciencialização social, ao alargamento dos critérios diagnósticos e à melhoria das estratégias de rastreio e deteção precoce.

A designação “espectro” reflete a heterogeneidade fenotípica da condição, cuja expressão clínica varia quanto à gravidade, perfil cognitivo, presença de linguagem funcional, nível de autonomia adaptativa e coexistência de comorbilidades. A PEA associa-se frequentemente a condições médicas e psiquiátricas, incluindo epilepsia, perturbação de hiperatividade e défice de atenção, perturbações de ansiedade, depressão, alterações de sono, problemas gastrointestinais, entre outros^{13,30,61}.

A coexistência destas condições aumenta a complexidade assistencial e intensifica as exigências sobre os cuidadores. Assim, a PEA deve ser compreendida enquanto condição sistémica: o seu impacto não se limita ao eixo neurodesenvolvimental do indivíduo diagnosticado, estendendo-se ao funcionamento global da família²³. A presença de um filho com PEA altera a distribuição de recursos emocionais e instrumentais, implica responsabilidades acrescidas e expõe os restantes elementos, nomeadamente os irmãos, a desafios específicos na reciprocidade relacional e a um maior risco de morbilidade física e mental^{17,34}.

A PEA apresenta uma etiologia complexa e multifatorial, resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais. A evidência científica tem demonstrado um contributo genético substancial, com estudos de gémeos monozigóticos a sugerirem elevados níveis de herdabilidade¹⁵. Diversas variantes genéticas, comuns e raras, têm sido associadas ao risco para PEA, frequentemente envolvendo genes relacionados com o desenvolvimento e funcionamento do sistema nervoso⁷. Paralelamente, fatores ambientais pré e perinatais, como complicações obstétricas, idade parental avançada ou exposições intrauterinas específicas, podem também contribuir para a expressão do fenótipo.

É precisamente devido a esta elevada herdabilidade que os irmãos biológicos apresentam um risco acrescido não só para o próprio diagnóstico, como também para manifestações subclínicas (o chamado "fenótipo alargado do autismo")³². Estas manifestações caracterizam-se por dificuldades sociais subtis, rigidez cognitiva e menor expressividade emocional, sem o cumprimento formal dos critérios diagnósticos da PEA. O risco para os irmãos reflete, assim, a mesma dualidade etiológica, resultando da interação contínua entre a predisposição biológica partilhada e as exigências adaptativas do contexto familiar.

Crescer com um irmão com PEA implica adaptações contínuas. A desregulação emocional, as dificuldades na reciprocidade social ou a rigidez comportamental podem exigir uma vigilância constante, influenciando a identidade e o bem-estar fraterno⁴². O impacto psicológico varia consoante múltiplos fatores, incluindo a saúde mental parental, o estatuto socioeconómico, o suporte social e a qualidade da própria relação fraterna. Diferenças demográficas também modulam esta experiência: as irmãs tendem a assumir mais responsabilidades de cuidado e maior proximidade emocional, enquanto os irmãos do sexo masculino podem sentir maior pressão para assumir papéis protetores ou económicos. Adicionalmente, os irmãos mais velhos assumem frequentemente responsabilidades precoces, enquanto os mais novos podem experienciar sentimentos de negligência ou comparação desfavorável.

Apesar de meta-análises indicarem uma maior prevalência de sintomas ansiosos e depressivos na infância e adolescência nestes irmãos⁸, a literatura identifica igualmente fatores de proteção cruciais, como relações parentais seguras, comunicação aberta e redes de apoio sólidas. Ao longo do desenvolvimento, muitos irmãos desenvolvem empatia, resiliência, tolerância à frustração e estratégias de *coping* eficazes, integrando a experiência fraterna de forma construtiva, mesmo perante oscilações normais de proximidade relacional (como o típico distanciamento na adolescência e posterior reaproximação na idade adulta)^{44,50}.

Neste contexto sistémico, um fenómeno particularmente relevante é a "parentificação", definida como a assunção precoce de responsabilidades típicas do papel parental. Em contextos de PEA, os irmãos podem assumir funções instrumentais (cuidados práticos) e emocionais (suporte afetivo), atuando quase como mediadores ou "terapeutas informais", chegando mesmo a modelar comportamentos sociais e a reforçar a comunicação do irmão neurodivergente³⁴.

A parentificação emocional, caracterizada pela supressão das próprias necessidades afetivas, associa-se a um maior risco de ansiedade, dificuldades de regulação emocional e problemas na definição de limites interpessoais. Importa, contudo, reconhecer que a parentificação não é invariavelmente patológica. Quando contextualizada, devidamente reconhecida e acompanhada de suporte parental, pode fomentar a maturidade e a autoeficácia, tornando-se disfuncional apenas quando é excessiva, coerciva ou mantida invisível no sistema familiar.

Do ponto de vista clínico, a identificação precoce destes padrões de responsabilidade e sobrecarga emocional é determinante para prevenir perturbações de ajustamento e quadros subclínicos de *burnout* em idade pediátrica e adolescente¹⁷. A forma como as equipas de saúde reconhecem (ou negligenciam) estes sinais nos irmãos influencia não só o bem-estar destes, mas também a adesão da família aos planos terapêuticos e a eficácia global das intervenções^{19,24}. Este enquadramento reforça a urgência de incluir a temática dos irmãos e o impacto sistémico da PEA nos conteúdos formativos de estudantes de medicina e internos de Pediatria, Psiquiatria da Infância e Adolescência e Medicina Geral e Familiar.

1.2 Vínculo Fraternal

As relações entre irmãos constituem um elemento central no desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, influenciando a personalidade, o desenvolvimento emocional e as competências sociais. O vínculo fraterno corresponde à relação afetiva estabelecida entre irmãos e representa frequentemente uma das relações interpessoais mais duradouras, funcionando simultaneamente como fonte de apoio e de confronto²⁷. Estas relações favorecem a adaptação ao *stress*, o bem-estar psicológico, a autoestima, a regulação emocional e a aquisição de competências sociais.

Os irmãos podem assumir papéis de confidentes e modelos durante a infância e adolescência, mantendo-se fontes de suporte relevantes na idade adulta. A qualidade destas relações resulta da interação entre fatores individuais, familiares e socioculturais, incluindo processos precoces de vinculação, aprendizagem social e contexto familiar.

As relações fraternas caracterizam-se por quatro elementos estruturais⁷⁰:

- dimensão emocional intensa;
- elevado nível de intimidade e compreensão mútua;
- equilíbrio relacional influenciado por temperamento e práticas parentais;
- diferença etária, que pode gerar rivalidade ou cooperação.

A teoria da vinculação, inicialmente proposta por *John Bowlby* e posteriormente desenvolvida por *Mary Ainsworth*, pode explicar parte destas dinâmicas⁶³. Desde o primeiro ano de vida, a sensibilidade do cuidador molda padrões de vinculação que influenciam expectativas e comportamentos relacionais futuros. Uma vinculação segura associa-se a maior confiança interpessoal; vinculação insegura associa-se a conflito e distanciamento, incluindo entre irmãos. Relações fraternas calorosas associam-se a menor prevalência de problemas emocionais e comportamentais. Os irmãos podem funcionar como figuras de vinculação, sobretudo quando existe segurança relacional mútua. Estudos mostram que algumas crianças recorrem ao irmão para satisfazer necessidades de vinculação mesmo quando o cuidador está disponível. Na adolescência tardia, a proximidade fraterna tende a intensificar-se; no início da idade adulta pode ocorrer afastamento temporário; na meia-idade estabiliza; e na velhice pode assumir funções de cuidado e suporte.

O conflito fraterno é influenciado pela distribuição de recursos parentais. A percepção de tratamento diferencial associa-se a sentimentos de injustiça, menor autoestima e maior conflito. Diferenciações parentais são frequentes e variam conforme o contexto sociocultural, sendo mais salientes em sociedades individualistas. Fatores contextuais, como *stress* familiar e condições ambientais, parecem ter impacto mais forte no conflito do que a rivalidade em si. Conflitos persistentes associam-se a maior risco de comportamentos agressivos e antissociais^{8,27}.

De acordo com a teoria da aprendizagem social de *Albert Bandura*, os irmãos adquirem comportamentos por observação, imitação e reforço mútuo⁷⁰. Irmãos mais velhos e do mesmo sexo tendem a exercer maior influência modeladora. Intervenções parentais estruturadas favorecem resolução de conflitos na infância, enquanto controlo excessivo na adolescência pode ser contraproducente. O funcionamento conjugal parental influencia indiretamente a relação fraterna, podendo o vínculo entre irmãos funcionar como estratégia adaptativa face a *stress* familiar.

A teoria da comparação social, formulada por *Leon Festinger*, sustenta que os indivíduos avaliam o próprio valor comparando-se com outros, sobretudo semelhantes⁷⁰. Irmãos constituem alvos privilegiados dessas comparações. Irmãos mais velhos tendem a comparações descendentes; mais novos a ascendentes. A proximidade etária pode intensificar comparações negativas em relações conflituosas. A teoria da equidade, desenvolvida por *John Stacy Adams*, acrescenta que a satisfação depende do equilíbrio entre investimento e recompensa, princípio que pode ser relevante na idade adulta, por exemplo na partilha de cuidados a pais idosos⁷⁰.

1.3 Relevância da temática e lacunas existentes na literatura

A investigação sobre relações fraternas demonstra a sua importância para o desenvolvimento psicológico e social, mas apresenta limitações significativas. Grande parte dos estudos concentra-se na infância e adolescência, existindo escassez de dados sobre a idade adulta, período em que a relação sofre transformações relevantes^{44,50,60}. Além disso, a investigação sobre díades fraternas envolvendo desenvolvimento típico e atípico permanece limitada, sobretudo no que respeita à especificidade das perturbações do neurodesenvolvimento.

No caso particular da PEA, muitos estudos agrupam irmãos de crianças com autismo com irmãos de crianças com outras condições, o que tende a diluir características próprias do impacto do autismo, como dificuldades de comunicação social e comportamentos repetitivos². Também se observa predominância de estudos focados em “irmãos bebês”, orientados para deteção precoce de marcadores, deixando menos exploradas fases posteriores do desenvolvimento^{41,53}.

A literatura apresenta resultados heterogêneos quanto ao ajustamento psicológico dos irmãos: alguns estudos identificam maior risco de ansiedade, depressão e dificuldades comportamentais, enquanto outros evidenciam níveis de adaptação semelhantes ou até superiores aos da população geral^{21,42}. Esta variabilidade decorre, em parte, das diferenças metodológicas, dos instrumentos utilizados e das questões de investigação formuladas, bem como da influência de variáveis moderadoras como género, gravidade da perturbação, suporte familiar e contexto socioeconómico.

A literatura disponível permite, assim, conceptualizar os irmãos de pessoas com PEA como um grupo de risco em saúde mental³⁴. Diversos estudos apontam para maior vulnerabilidade a psicopatologia internalizante, nomeadamente sintomas ansiosos e depressivos, e, em menor grau, a problemas externalizantes, com impacto no funcionamento académico, nas relações com pares e na autoestima.

Neste contexto, ignorar sistematicamente a experiência e o bem-estar destes irmãos nos cuidados de saúde equivale a perder uma oportunidade relevante de intervenção preventiva em saúde mental, quer ao nível individual, quer ao nível da estabilidade familiar global.

O impacto sistémico da PEA no funcionamento familiar reforça a relevância científica e clínica do estudo desta temática. O ajustamento psicossocial dos irmãos constitui uma variável crucial não apenas para a saúde mental destes, mas também para o bem-estar da própria pessoa com PEA e para a estabilidade familiar global. Compreender fatores de risco e de proteção permite orientar intervenções dirigidas e promover trajetórias adaptativas positivas²⁴.

Perante a heterogeneidade dos resultados e a diversidade de abordagens metodológicas existentes, justifica-se a realização de uma revisão narrativa, com uma síntese crítica e integrativa da evidência, capaz de integrar perspetivas teóricas e empíricas distintas, identificar padrões consistentes, mapear lacunas de conhecimento e propor direções futuras de investigação.

Assim, uma melhor compreensão do ajustamento psicossocial dos irmãos de pessoas com PEA pode ter uma pertinência clínica direta para a saúde e bem-estar desta população, com o potencial de informar estratégias de rastreio, prevenção e intervenção em saúde mental nesta população de risco.

2. Metodologia da Revisão

2.1. Desenho do Estudo e Justificação

A presente revisão narrativa da literatura teve como objetivo avaliar e sintetizar de forma crítica a evidência científica disponível relativa ao ajustamento psicossocial de irmãos de indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Pretende-se ainda avaliar fatores clínicos e sociais relacionados com a qualidade do vínculo fraterno nesta população.

Optou-se por este desenho metodológico devido à heterogeneidade dos estudos existentes, nomeadamente quanto aos desenhos de investigação, medidas utilizadas e características das amostras. Esta abordagem permite uma síntese crítica da evidência, integrando perspetivas teóricas e empíricas distintas num quadro interpretativo coerente, adequado à natureza multidimensional do fenómeno em estudo, possibilitando a identificação de padrões, lacunas de conhecimento e direções futuras de investigação.

2.2. Estratégia de Pesquisa e Bases de Dados

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed, Web of Science e Scopus, selecionadas pela sua abrangência e relevância na indexação de literatura biomédica e psicológica. A estratégia de pesquisa envolveu a combinação de termos MeSH e palavras-chave através de operadores booleanos, nomeadamente a seguinte expressão de pesquisa: *"Autism Spectrum Disorder" AND "Siblings" AND ("Coping Skills" OR "Sibling Relations" OR "Psychological Support Systems" OR "Family")*. Adicionalmente, procedeu-se à análise das listas de referências dos artigos selecionados (*cross-referencing*), de modo a identificar estudos potencialmente relevantes não captados na pesquisa inicial. Por fim, para a construção do enquadramento teórico e fundamentação da discussão crítica, foram incluídas obras de referência, capítulos de livros e artigos teóricos identificados por relevância conceptual e cruzamento de dados, independentemente dos critérios de elegibilidade aplicados à amostra principal da revisão.

2.3. Critérios de Elegibilidade

A seleção dos artigos obedeceu a critérios previamente definidos de modo a garantir o alinhamento com os objetivos da dissertação. Como **critérios de inclusão**, foram considerados:

- Estudos empíricos primários (de natureza quantitativa, qualitativa ou mista) e estudos secundários estruturados (revisões sistemáticas, *scoping reviews* e meta-análises);
- Amostras que incluíssem irmãos de indivíduos diagnosticados com PEA;
- Avaliação de *outcomes* clínicos e psicossociais (ex.: ansiedade, depressão, bem-estar, adaptação emocional, *coping*, funcionamento social);
- Artigos publicados entre os anos 2000 e 2025;
- Artigos publicados em língua inglesa;
- Estudos conduzidos em amostras humanas.

Em oposição, como **critérios de exclusão**, foram rejeitados:

- Artigos não relacionados com o objetivo da revisão ou cujo foco principal não fosse o ajustamento psicossocial de irmãos de indivíduos com PEA;
- Artigos de revisão narrativa ou não sistematizada, ensaios teóricos, editoriais, cartas ao editor, comentários e resumos de conferências;
- Estudos com dados insuficientes para extração ou indisponíveis em texto integral;
- Estudos duplicados entre bases de dados.

2.4. Processo de Seleção e Extração de Dados

A seleção dos estudos decorreu em múltiplas etapas. Inicialmente, a pesquisa bibliográfica identificou aproximadamente 352 registos. Após a exportação dos dados, estes foram submetidos a uma triagem inicial por título e resumo, com o objetivo de selecionar os artigos potencialmente relevantes. Posteriormente, 93 artigos transitaram para leitura integral de modo a confirmar o cumprimento rigoroso dos critérios de elegibilidade. Concluída esta fase, 45 estudos foram incluídos na amostra final por se alinharem integralmente com os objetivos da presente revisão. Os estudos selecionados abrangem metodologias quantitativas, qualitativas e mistas, bem como diferentes contextos socioculturais, permitindo uma análise abrangente e multidimensional do fenómeno em estudo. Todo o processo de triagem e seleção foi realizado por um único revisor, não tendo sido efetuada avaliação independente. Embora se trate de uma revisão narrativa, optou-se por construir um fluxograma para aumentar a transparência do processo de pesquisa e elegibilidade dos estudos. As etapas de seleção dos artigos encontram-se detalhadas na Figura 1.

Dos artigos incluídos na amostra final, procedeu-se à extração das seguintes informações: autor e ano de publicação, características da amostra, desenho metodológico, instrumentos de avaliação, variáveis psicossociais analisadas, principais resultados e conclusões. Os dados foram analisados através de uma síntese narrativa integrativa, privilegiando a identificação de padrões consistentes, divergências entre estudos e potenciais fatores moderadores ou mediadores dos resultados. Dado o caráter narrativo da revisão, não foi realizada avaliação formal do risco de viés dos estudos incluídos.

Para além destes 45 estudos, foram consultadas revisões narrativas e textos teóricos relevantes, utilizados exclusivamente para enquadramento conceptual e não contabilizados na amostra formal da revisão.

Importa reconhecer algumas limitações inerentes ao desenho metodológico adotado. A utilização de um único revisor em todas as etapas de seleção e extração de dados, bem como a ausência de uma avaliação formal do risco de viés, limitam a robustez inferencial dos resultados e aumentam a possibilidade de viés de seleção e interpretação. Contudo, estas opções metodológicas são compatíveis com a natureza exploratória de uma revisão narrativa realizada em contexto de formação médica, cujo objetivo principal é integrar criticamente a evidência disponível e identificar implicações clínicas e lacunas de investigação, mais do que produzir estimativas quantitativas de efeito.

3. Resultados

A análise integrativa da literatura selecionada permitiu identificar dimensões centrais da experiência de irmãos de indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), organizadas em domínios com relevância clínica. Os dados extraídos dos estudos revistos são apresentados de acordo com eixos conceituais principais, refletindo padrões consistentes ao nível relacional, desenvolvimental e psicopatológico^{11,59,69}.

3.1 Qualidade do vínculo fraterno

A evidência reunida sugere que a relação fraterna constitui um processo dinâmico e evolutivo, caracterizado por transformações estruturais ao longo do ciclo vital^{27,50}. Nos estudos focados na infância, observa-se frequentemente uma relação assimétrica, na qual o irmão com desenvolvimento típico assume espontaneamente um papel protetor e mediador. A literatura indica que esta dinâmica pode funcionar simultaneamente como fator promotor de competências socioemocionais e como fonte de *stress* precoce^{40,47,58}.

Durante a adolescência, as investigações apontam que o processo de individuação tende a entrar em conflito com as exigências familiares associadas à condição do irmão, originando, em alguns casos, distanciamento emocional defensivo e dificuldades na gestão da identidade social perante os pares^{14,28,54}.

Na idade adulta, os estudos reportam habitualmente uma reaproximação relacional, marcada por maior compreensão, empatia e redefinição dos papéis fraternos numa lógica de cooperação e cuidado mútuo^{48,64}. A relação tende a tornar-se mais estável, embora a literatura sublinhe que permanece condicionada pelas limitações funcionais do irmão com PEA⁴⁴.

3.2 Diferenças no ajustamento ao longo do ciclo de vida

Os estudos analisados descrevem um percurso desenvolvimental caracterizado por variações significativas no ajustamento emocional e psicossocial^{3,16}.

Na infância, a literatura reporta frequentemente a emergência de sentimentos de confusão e ansiedade, associados à compreensão limitada da condição e à percepção de desigualdade na distribuição da atenção parental^{29,69}. A adolescência é transversalmente descrita como um período de ambivalência afetiva, no qual coexiste um vínculo emocional e sentimentos de vergonha, frustração ou rejeição. Diversos autores documentam estratégias de evitamento

social nas amostras avaliadas, como não convidar amigos para casa ou ocultar a condição do irmão, de modo a reduzir o impacto do estigma^{37,51,65}.

Na idade adulta, a evidência aponta para uma maior aceitação cognitiva e emocional da condição, acompanhada por uma reinterpretação da experiência à luz de maior maturidade psicológica. Contudo, os estudos demonstram que persistem preocupações relacionadas com responsabilidade futura, autonomia pessoal e planeamento familiar, especialmente perante a eventual incapacidade ou morte dos pais^{10,25}.

A experiência de crescer com um irmão com PEA revela-se também estruturante ao nível identitário. Múltiplas investigações identificam o desenvolvimento de características como uma maior capacidade empática, mais sensibilidade interpessoal, e um sentido ético mais acentuado^{47,68}. Observa-se ainda, em várias coortes, a tendência para escolhas vocacionais orientadas para áreas de saúde ou intervenção social, sugerindo continuidade do papel de cuidador no percurso de vida. Em contrapartida, parte da literatura descreve dificuldades na definição de limites pessoais e uma tendência para priorizar necessidades alheias em detrimento das próprias^{38,66}.

3.3 Quadros psicopatológicos e indicadores de vulnerabilidade psicológica

A presença de sintomatologia ansiosa constitui um achado transversal na literatura analisada, assumindo particular relevância na idade adulta sob a forma de ansiedade antecipatória relacionada com responsabilidades futuras de cuidado^{9,40,59}. Em diversos estudos, este padrão aproxima-se de quadros compatíveis com perturbações de ansiedade generalizada e perturbações de ajustamento, ainda que nem sempre formalmente diagnosticados, evidenciando um grau de sofrimento psíquico clinicamente relevante. Foram igualmente documentados sentimentos persistentes de culpa e de hiper-responsabilização pelo bem-estar do irmão, fatores reconhecidos como predisponentes para o surgimento e manutenção de quadros depressivos e ansiosos, respetivamente^{11,12,37}.

Um dos fenómenos mais salientes identificados na revisão foi a parentificação precoce, caracterizada pela assunção de funções de cuidado, vigilância e mediação emocional dentro do sistema familiar. Embora algumas investigações associem essa experiência a uma aquisição mais precoce da maturidade e desenvolvimento da autonomia, outras evidenciam sinais compatíveis com sobrecarga emocional e exaustão psicológica nas amostras avaliadas, configurando um perfil de risco análogo ao descrito em cuidadores informais adultos, mas aqui transposto para crianças e

adolescentes^{38,52,55}. Este padrão pode ser entendido, numa perspectiva médica, como uma forma de “*burnout* do cuidador” adaptado ao contexto fraterno, com potencial impacto na saúde mental a curto e longo prazo.

As experiências frequentes de estigma por associação e de isolamento social secundário documentadas nos estudos sugerem, ainda, vulnerabilidade acrescida a perturbações internalizantes e a dificuldades na construção da identidade social. A combinação de evitamento social, oclusão seletiva da condição familiar e sentimentos de vergonha ou diferença em relação aos pares pode aproximar-se de formas subclínicas de perturbação de ansiedade social em alguns casos, reforçando a importância de rastreios breves de saúde mental em contexto clínico^{8,39,67}.

Por outro lado, a literatura destaca que a exposição continuada à neurodivergência é frequentemente reportada como promotora de maior sensibilidade à diversidade e desenvolvimento de atitudes de defesa ativa dos direitos e inclusão, evidenciando que a experiência pode traduzir-se simultaneamente em fator de vulnerabilidade e de crescimento psicológico^{28,44,56}.

4. Discussão

O presente trabalho procurou sintetizar criticamente a evidência relativa ao ajustamento psicossocial de irmãos de pessoas com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), articulando a dimensão relacional e desenvolvimental com implicações clínicas para a Medicina, em particular para a Psiquiatria da Infância e Adolescência. A análise dos estudos incluídos confirma que crescer com um irmão com PEA constitui uma experiência complexa, simultaneamente potenciadora de vulnerabilidade psicopatológica e de crescimento pessoal, cuja compreensão é essencial para uma abordagem verdadeiramente centrada na família no contexto dos cuidados de saúde^{17,34,42}.

4.1. Irmãos de pessoas com PEA como um grupo de risco em saúde mental

Os resultados reforçam que irmãos de indivíduos com PEA constituem um grupo de risco acrescido para dificuldades emocionais e comportamentais, sobretudo sintomas ansiosos, depressivos, queixas somáticas, dificuldades de ajustamento social e, em alguns casos, comportamentos externalizantes. Embora a literatura não seja consensual – existindo também estudos que reportam níveis de ajustamento comparáveis à população geral – a tendência global aponta para maior vulnerabilidade, particularmente em contextos de elevado *stress* familiar, menor suporte social e maior gravidade clínica do irmão com PEA^{8,16,59,67}.

Do ponto de vista clínico, estes resultados sustentam a necessidade de considerar os irmãos como potenciais utentes dos serviços de saúde mental, e não apenas como figuras periféricas no percurso assistencial da criança com PEA. O padrão de ansiedade antecipatória descrito em irmãos adultos, centrado sobretudo no futuro papel de cuidador e na eventual perda dos pais, pode cursar com quadros de ansiedade generalizada e perturbações de ajustamento, com impacto funcional e necessidade de intervenção clínica^{25,48,64}. A identificação precoce destes sinais em consultas de Pediatria, Psiquiatria da Infância e Adolescência e Medicina Geral e Familiar pode permitir a implementação de estratégias preventivas, reduzindo o risco de evolução para psicopatologia mais grave.

Importa sublinhar que a literatura evidencia também fatores de proteção robustos, como relações parentais seguras, comunicação aberta sobre o diagnóstico, reconhecimento explícito das necessidades dos irmãos e redes de apoio formais e informais. Muitos irmãos descrevem a experiência como promotora de empatia, resiliência, tolerância à diferença e sentido ético, evidenciando que a mesma condição familiar pode traduzir-se em trajetórias psicossociais muito distintas em função do contexto^{22,28,47,68}. Este dado é particularmente relevante para médicos, uma vez que reforça a necessidade de uma abordagem individualizada, que reconheça tanto a vulnerabilidade como o potencial de crescimento.

4.2. Risco neurodesenvolvimental, fenótipo alargado e história familiar

Para além do impacto psicossocial, os irmãos de pessoas com PEA são também um grupo de risco neurodesenvolvimental, com implicações diretas para a prática clínica. Estudos de coortes de *“high-risk siblings”* demonstram uma taxa de ocorrência de PEA na ordem dos 15–20% em irmãos mais novos de crianças com diagnóstico de PEA, bem como maior prevalência de atrasos na linguagem, dificuldades nas competências sociais e alterações adaptativas, mesmo na ausência de diagnóstico formal^{15,21,41}. Este conjunto de dados legitima a inclusão de irmãos nas estratégias de rastreio e vigilância do desenvolvimento, especialmente em consultas de Pediatria do Desenvolvimento e Psiquiatria da Infância.

Adicionalmente, trabalhos recentes mostram que a história familiar de perturbações psiquiátricas, como ansiedade, depressão, esquizofrenia, perturbação bipolar e deficiência intelectual, se associa a maior gravidade de dificuldades sociais, verbais, não verbais e adaptativas nos irmãos de crianças com PEA, independentemente de terem ou não diagnóstico de PEA^{5,30}. Estes resultados enquadram-se no conceito de fenótipo autista alargado, com traços subclínicos de rigidez, dificuldades de comunicação social e vulnerabilidade emocional em irmãos sem

diagnóstico, o que é particularmente relevante para a Psiquiatria, na medida em que representa um espectro dimensional de risco^{13,32}. Para o médico, isto traduz-se em duas implicações práticas: a necessidade de avaliar de forma sistemática a história familiar de pessoas com PEA e a importância de vigilância mais próxima de irmãos com múltiplos fatores de risco agregados.

4.3. Parentificação, carga de cuidado e implicações clínicas

A análise dos estudos incluídos nesta revisão confirma a parentificação como um fenómeno central na experiência fraterna, mas importa refletir sobre os mecanismos clínicos e sistémicos subjacentes a esta dinâmica. A emergência de papéis de cuidado precoces nos irmãos de desenvolvimento típico raramente resulta de uma delegação intencional por parte dos pais; surge, antes, como uma adaptação do sistema familiar face à exaustão parental e à contínua exigência assistencial inerente à PEA. A assunção destas responsabilidades instrumentais e emocionais atua como um mecanismo compensatório. Consequentemente, assiste-se frequentemente a uma transposição do *burnout* do cuidador adulto para a realidade infanto-juvenil. Este quadro clínico acaba por ser dissimulado por uma aparente "maturidade precoce" que é validada e elogiada pelo meio social, o que atrasa significativamente o reconhecimento do sofrimento emocional subjacente^{37,38,52}.

A translação destes dados para a prática clínica exige uma mudança de paradigma, em particular na Pediatria, Psiquiatria da Infância e Adolescência e Medicina Geral e Familiar: a passagem de uma postura de observação passiva para uma vigilância ativa. Torna-se crucial que a avaliação médica deixe de se circunscrever ao doente identificado (a pessoa com PEA) e integre sistematicamente uma anamnese dirigida aos irmãos. Na prática, isto traduz-se na inclusão de perguntas objetivas sobre o tempo despendido em tarefas de supervisão, na avaliação do impacto no rendimento académico e na pesquisa ativa de queixas somáticas ou alterações do sono no irmão de desenvolvimento típico. A identificação clínica de um padrão de parentificação disfuncional, sobretudo quando coercivo, invisível ou não reconhecido no seio familiar, deve desencadear ações médicas concretas. Estas englobam a psicoeducação parental para a renegociação de limites, a prescrição de intervenções psicoterapêuticas focadas na díade fraterna e a referência para redes de apoio comunitário, atuando profilaticamente na prevenção da morbilidade psiquiátrica associada à sobrecarga precoce de cuidado^{2,19,24,62}.

4.4. Implicações Clínicas: A Família como Unidade de Cuidado

O ajustamento psicossocial dos irmãos influencia o ambiente emocional familiar, a disponibilidade de suporte e a capacidade dos pais para gerir o stress, tornando-se indiretamente determinante para a evolução clínica da própria criança com PEA. Neste sentido, ignorar o bem-estar dos irmãos equivale a negligenciar um fator preditivo da eficácia dos cuidados de saúde^{17,35,43}.

A translação desta evidência para a prática clínica em Pediatria, Psiquiatria da Infância e Adolescência e Medicina Geral e Familiar deve operacionalizar-se através de medidas concretas:

- **Integração rotineira na anamnese:** Inclusão de perguntas direcionadas aos irmãos (ex.: "Como está o irmão?"), avaliando a sua idade, o papel que assumem no cuidado e a presença de sinais de sobrecarga ou parentificação disfuncional.
- **Rastreio breve em saúde mental:** Avaliação de sintomas de ansiedade, alterações de humor, problemas de comportamento e dificuldades no desempenho escolar ou nas relações com pares, sobretudo em contextos de elevado stress familiar ou de maior gravidade clínica do quadro de PEA.
- **Vigilância contínua ao longo do desenvolvimento:** Monitorização sistemática do risco acrescido de PEA e do fenótipo autista alargado nos irmãos, que deve transcender a infância e adolescência. Torna-se essencial acautelar a transição para a idade adulta, uma vez que as novas exigências funcionais e sociais (faculdade, emprego, relações) atuam frequentemente como momentos críticos para a descompensação clínica e emergência de sintomatologia, exigindo referência atempada mesmo em quadros de PEA ligeiros ou de fenótipo alargado.
- **Referenciação e intervenção multidisciplinar:** Perante sinais de sofrimento emocional significativo, deve promover-se o encaminhamento para apoio psicológico ou psiquiátrico. Torna-se igualmente fundamental a articulação com o Serviço Social e redes de apoio comunitário para criar programas psicoeducativos, grupos de irmãos e estratégias de redistribuição de responsabilidades familiares.^{6,18,57}

Para a formação médica, este tema oferece um campo privilegiado para ilustrar a necessidade de olhar para além do diagnóstico principal. Ao enfatizar o ajustamento psicossocial, esta tese pretende contribuir para uma prática clínica mais sensível e abrangente, onde a avaliação do bem-estar dos irmãos deixe de ser um detalhe secundário para se tornar um pilar estrutural na abordagem médica às famílias neurodivergentes.

4.5. Limitações e Direções Futuras

Esta revisão apresenta limitações, nomeadamente o carácter narrativo da análise, que, por depender intrinsecamente da interpretação do investigador, acarreta um maior risco de viés pessoal nos resultados. A isto acresce a heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos, a predominância de amostras ocidentais e a escassez de trabalhos em idade adulta, o que condiciona a generalização das conclusões. Ainda assim, o presente trabalho permite mapear padrões consistentes e lacunas de conhecimento que podem orientar a investigação futura. Do ponto de vista metodológico, destaca-se a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem os irmãos desde a infância até à idade adulta, essenciais para compreender as trajetórias de ajustamento ao longo do ciclo de vida e identificar fatores preditores de adaptação positiva. Para mitigar as limitações da abordagem narrativa, sugere-se também que futuras investigações recorram a metodologias mistas e integrem múltiplas perspetivas familiares (e.g., cruzando a visão dos irmãos com a dos pais), de forma a aprofundar a compreensão do ajustamento psicossocial de irmãos de pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo. Paralelamente, urge promover a investigação sobre o impacto a longo prazo da parentificação e da carga de cuidado, bem como o desenvolvimento de ensaios clínicos robustos que avaliem intervenções específicas para fratrias em contexto de serviços de saúde^{11,36,55,69}.

5. Conclusão

A presente revisão narrativa consolida a evidência de que a presença de uma Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) no sistema familiar redefine profundamente a trajetória normativa do vínculo fraterno. Crescer com um irmão com PEA não constitui uma experiência linear, mas antes uma realidade marcada por contrastes: se, por um lado, atua frequentemente como catalisador de empatia e maturidade precoce, por outro, acarreta um risco silencioso de sobrecarga emocional, muitas vezes invisível e mascarado sob a forma de “parentificação”.

A evidência atual conceptualiza, de forma consistente, os irmãos de pessoas com PEA como um grupo de vulnerabilidade em saúde mental. Os estudos revistos apontam para uma maior predisposição para psicopatologia internalizante, nomeadamente sintomas ansiosos e depressivos, com impacto direto no funcionamento académico, nas relações com os pares e na autoestima. Apesar das limitações metodológicas identificadas na literatura, torna-se claro que ignorar sistematicamente o bem-estar destes irmãos equivale a perder uma janela crítica de intervenção preventiva.

Do ponto de vista clínico, esta realidade exige que os irmãos deixem de ser figuras periféricas no percurso assistencial da criança com PEA, passando a ser reconhecidos como alvos diretos de cuidados preventivos. Especialidades como a Pediatria, a Psiquiatria da Infância e Adolescência e a Medicina Geral e Familiar devem transitar de uma postura de observação passiva para uma vigilância ativa, integrando rotineiramente a anamnese sistêmica e a realização de rastreios atempados.

Em suma, a eficácia terapêutica na PEA transcende uma abordagem centrada exclusivamente no indivíduo diagnosticado, dependendo da homeostasia de todo o ecossistema familiar. Ao integrar a monitorização ativa dos irmãos nos protocolos de cuidados, os sistemas de saúde dão um passo decisivo no sentido de uma prática clínica mais equitativa, preventiva e verdadeiramente centrada na família.

6. Apêndice

Tabela 1 - Síntese dos estudos incluídos

Título	Ano	Amostra	Objetivo	Tipo de estudo	Métodos	Resultados	Discussão/Conclusão
<i>Psychosocial adjustment in siblings of children with autism</i>	2002	Irmãos de crianças com autismo e grupos de controlo.	Explorar o perfil de ajustamento, problemas de comportamento e os níveis de competência social desta população.	Quantitativo / Transversal	Avaliação de perfis psicológicos face a normas de controlo, através de questionários a pais e professores.	Irmãos com desenvolvimento típico de crianças com PEA apresentam maior internalização (ansiedade/isolamento) e níveis de competência social global preservados.	Os irmãos revelam vulnerabilidade emocional, justificando monitorização clínica e apoio psicossocial contínuo.
<i>Sibling interaction in children with autism: A 12-month follow-up.</i>	2007	Crianças com PEA, com Síndrome de Down e respetivos irmãos neurotípicos.	Examinar as mudanças nas interações fraternas ao longo de 12 meses, comparando diádes com PEA e diádes com Síndrome de Down.	Quantitativo / Longitudinal (Follow-up 12 meses)	Observação direta e codificação de sessões de brincadeira em casa (espaçadas por 12 meses).	Ao longo de 12 meses, aumentaram as interações fraternas (prosociais e agonísticas) e os comportamentos de imitação, especialmente nas diádes com autismo. Todo este crescimento foi impulsionado ativamente pelos irmãos com DT, que assumiram a iniciativa face às crianças com PEA ou Síndrome de Down.	O estudo evidencia que, embora as dificuldades sociais no autismo persistam, as interações com irmãos constituem um contexto privilegiado para o desenvolvimento de competências sociais. Os irmãos com desenvolvimento típico desempenham um papel fundamental ao “organizar” as interações, promovendo maior envolvimento social.
<i>Siblings of individuals with an autism spectrum disorder: sibling relationships and wellbeing in adolescence and adulthood</i>	2009	Irmãos de pessoas com PEA (estudo longitudinal).	Avaliar o bem-estar e a evolução da qualidade da relação fraterna nesta transição de ciclo de vida.	Quantitativo / Longitudinal	Comparação transversal e longitudinal de fatores sociodemográficos e psiquiátricos em duas fases da vida.	O bem-estar psicológico estabiliza na idade adulta e observa-se aumento do afeto e redução de conflitos em comparação com a adolescência.	A adaptação fraterna melhora com a maturidade, sugerindo trajetórias de resiliência ao longo do desenvolvimento.
<i>Adolescent siblings of individuals with an autism spectrum disorder: testing a diathesis-stress model of sibling well-being</i>	2009	Irmãos adolescentes de pessoas com PEA.	Aplicar um modelo de "diátese-stress" para perceber como as características do indivíduo com PEA impactam o bem-estar do irmão neurotípico.	Quantitativo / Transversal	Modelos de regressão em autorrelatos para avaliar vulnerabilidades e stressores associados à PEA.	Comportamentos mal-adaptativos na criança com PEA associam-se a pior ajustamento do irmão, especialmente na presença de vulnerabilidades individuais.	O impacto do PEA no irmão depende da interação entre stressores familiares e fatores individuais de vulnerabilidade.
<i>The use of the Impact on Sibling scale with families of children with chronic illness and developmental disability</i>	2009	Famílias de crianças com doença crónica ou PEA/deficiência intelectual.	Avaliar a validade psicométrica de uma escala desenhada para medir os impactos positivos e negativos no irmão neurotípico.	Quantitativo / Transversal (Validação Psicométrica)	Análise estatística da estrutura e consistência da Impact on Sibling Scale numa amostra mista.	A escala demonstrou boa validade psicométrica, avaliando impacto negativo, crescimento e empatia.	Trata-se de um instrumento fiável para avaliação multidimensional do impacto fraterno.
<i>Adjustment characteristics of healthy siblings of children with autism</i>	2010	Irmãos com desenvolvimento típico (DT) e respetivos pais.	Estudo focado no ajustamento e sofrimento emocional destes irmãos, analisando a sua participação em atividades e a perceção de responsabilidade no contexto familiar.	Métodos Mistos / Transversal	Análise mista: qualitativa via <i>Child Behavioral Checklist</i> (pais) e quantitativa via <i>Weinberger Adjustment Inventory</i> (irmãos).	Irmãos participam menos em atividades externas e reportam stress associado ao papel de responsabilidade familiar.	O envolvimento excessivo em cuidados pode contribuir para desgaste emocional, sendo importante equilibrar expectativas familiares.
<i>Emotional and behavioral adjustment in typically developing siblings of children with autism spectrum disorders</i>	2012	486 irmãos com desenvolvimento típico (DT) de crianças com PEA.	Avaliar a presença de comportamentos de internalização e externalização numa grande amostra de irmãos com DT, através do relato de pais e professores.	Quantitativo / Transversal	Análise quantitativa (pais/professores) do estado emocional e comportamental dos irmãos.	Os irmãos não evidenciaram uma prevalência desproporcional de sintomas de internalização ou externalização face à amostra normativa de referência.	Ter um irmão com PEA não deve ser considerado um fator de risco isolado para problemas de ajustamento psicossocial nos restantes irmãos.

Título	Ano	Amostra	Objetivo	Tipo de estudo	Métodos	Resultados	Discussão/Conclusão
<i>The perceptions and experiences of adolescent siblings who have a brother with autism spectrum disorder</i>	2012	Irmãos adolescentes de indivíduos com PEA.	Explorar as vivências, perspectivas e desafios específicos enfrentados durante a fase da adolescência.	Qualitativo / Transversal	Análise fenomenológica de dados obtidos via entrevistas semiestruturadas a adolescentes.	Adolescentes relatam sentimentos de invisibilidade, mas também maturidade precoce e instinto de proteção.	A adolescência é uma fase crítica, com necessidade de validação emocional e comunicação familiar aberta.
<i>Psychosocial Adjustment and Sibling Relationships in Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder: Risk and Protective Factors</i>	2015	Irmãos com DT e respetivos pais.	Identificar os principais fatores de risco e de proteção para o ajustamento psicossocial e a qualidade da relação fraterna.	Quantitativo / Transversal	Análise de regressão de dados psicométricos (pais/irmãos) sobre comportamento, stress e resiliência.	Problemas externalizantes na criança com PEA associam-se a pior ajustamento e maior stress no irmão.	Intervenções devem atuar simultaneamente na criança com PEA e no desenvolvimento de coping no irmão.
<i>Sibling Experiences: Living with Young Persons with Autism Spectrum Disorders</i>	2016	Irmãos com DT de jovens com PEA.	Compreender as experiências diárias e o impacto emocional de viver com um irmão jovem diagnosticado com PEA.	Qualitativo / Transversal	Entrevistas em profundidade com análise fenomenológica.	Irmãos relatam emoções ambivalentes (sobrecarga e compaixão), com impacto na participação social.	O apoio emocional e grupos de pares são essenciais para validação da experiência fraterna.
<i>The psychophysiological impact of childhood autism spectrum disorder on siblings</i>	2016	Irmãos com DT de crianças com PEA e grupo de controlo.	Avaliar o impacto do autismo infantil nos irmãos através de marcadores biológicos de stress psicofisiológico.	Quantitativo / Transversal	Medição de biomarcadores (cortisol salivar) e avaliações psicológicas de stress.	Irmãos apresentam padrões de cortisol alterados sugestivos de stress crónico.	Irmãos apresentam padrões de cortisol alterados sugestivos de stress crónico.
<i>Sensory Responsiveness in Siblings of Children with Autism Spectrum Disorders</i>	2016	Irmãos com DT de crianças com PEA e pares de controlo.	Avaliar os padrões de reatividade e processamento sensorial destes irmãos face a valores normativos.	Quantitativo / Transversal	Avaliação através do questionário <i>Sensory Profile</i> preenchido pelos cuidadores.	Irmãos apresentam alterações sensoriais subclínicas (hiper/hiporreatividade).	Estas alterações podem influenciar regulação emocional e comportamento.
<i>Psychological Adjustment of Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder in Hong Kong</i>	2017	Irmãos com DT de crianças com PEA e grupo de controlo.	Examinar o ajustamento psicológico destes irmãos num ambiente sociocultural asiático e identificar preditores do bem-estar.	Quantitativo / Transversal	Estudo transversal que utiliza instrumentos padronizados (pais e filhos) para comparar grupos clínico e de controlo.	Irmãos apresentam mais problemas emocionais associados a stress parental elevado.	O funcionamento familiar é determinante no ajustamento do irmão.
<i>Review on Psychosocial Interventions for Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder (ASD)</i>	2017	16 estudos de intervenção focados em irmãos de indivíduos com PEA.	Avaliar a eficácia de diferentes formatos de intervenções psicossociais (ex.: grupos de apoio, workshops) desenhadas para este público.	Revisão Sistemática	Revisão de intervenções fraternas focada em literacia sobre PEA e indicadores emocionais.	Intervenções melhoram conhecimento e coping, mas evidência de impacto clínico a longo prazo é limitada.	Os programas psicossociais são fundamentais para partilhar experiências e ganhar competências, mas são necessários ensaios clínicos mais robustos para comprovar a sua eficácia na saúde mental a longo prazo.
<i>Sibling Relationships and Family Functioning in Siblings of Early Adolescents, Adolescents and Young Adults with Autism Spectrum Disorder.</i>	2018	Irmãos neurotípicos (adolescentes e jovens adultos) de pessoas com PEA.	Investigar a qualidade da relação fraterna e a perceção do funcionamento familiar ao longo de diferentes fases do desenvolvimento psicossocial.	Quantitativo / Transversal	Utilização de questionários validados para avaliar a qualidade da relação fraterna e a coesão da família.	O estudo indica que irmãos mais velhos (jovens adultos) percebem relações mais positivas e um melhor funcionamento familiar global do que os adolescentes.	O ajustamento psicossocial melhora com a maturidade, devendo as intervenções clínicas priorizar o início da adolescência, por ser a fase de maior vulnerabilidade.
<i>Adult Siblings Who Have a Brother or Sister with Autism: Between-Family and Within-Family Variations in Sibling Relationships</i>	2018	Irmãos adultos de pessoas com PEA.	Explorar variações na qualidade da relação fraterna tanto entre famílias distintas como entre irmãos da mesma família.	Quantitativo / Transversal	Modelagem multinível do pessimismo, afeto e contacto entre irmãos de adultos com PEA.	Afeto e contacto variam entre famílias e dentro da mesma família.	O envolvimento fraterno na idade adulta é heterogéneo.
<i>Functioning Among Typically Developing Siblings of Individuals with Autism Spectrum Disorder: A Meta-Analysis</i>	2019	69 estudos empíricos (milhares de irmãos com DT).	Comparação quantitativa do funcionamento psicológico e comportamental de irmãos de indivíduos com PEA face a outros grupos.	Meta-análise	Cálculo da dimensão de efeito em 69 estudos sobre internalização e externalização e competência social.	Em comparação com pares normativos, estes irmãos apresentam maior risco de internalização e menor ajustamento psicossocial (magnitude de efeito baixa).	O impacto negativo existe mas é de pequena magnitude, sugerindo resiliência. O foco clínico deve centrar-se na prevenção e na mitigação de vulnerabilidades emocionais específicas destes irmãos.

Título	Ano	Amostra	Objetivo	Tipo de estudo	Métodos	Resultados	Discussão/Conclusão
<i>Having a Sibling with ASD: Perspectives of Siblings and Their Parents</i>	2019	Crianças e adolescentes com DT e respetivos pais.	Comparação entre as percepções dos irmãos e as avaliações dos pais sobre ajustamento e impacto diário.	Métodos Mistos / Transversal	Dados cruzados (pais e filhos) sobre stress e dinâmica fraterna.	Pais reportam maior stress do que os irmãos percebem.	Existe discrepância entre percepção parental e experiência da criança.
<i>Siblings' experiences of growing up with children with autism in Taiwan and the United Kingdom</i>	2019	Irmãos com DT de crianças com PEA.	Explorar e comparar transculturalmente as experiências de crescer com um irmão com autismo.	Qualitativo / Transversal	Análise temática e comparação cultural de entrevistas semiestruturadas.	Diferenças culturais influenciam percepção de responsabilidade e impacto emocional.	O contexto cultural molda significativamente a experiência fraterna.
<i>Sibling Relationships, Personality Traits, Emotional, and Behavioral Difficulties in Autism Spectrum Disorders</i>	2019	Irmãos com DT de crianças com PEA.	Investigar a relação entre os traços de personalidade dos irmãos, a qualidade da relação fraterna e as dificuldades emocionais/comportamentais.	Quantitativo / Transversal	Avaliação de irmãos neurotípicos através de questionários de traços de personalidade e do <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i> .	Traços de personalidade específicos (como maior neuroticismo) e uma relação fraterna mais conflituosa são fortes preditores de dificuldades emocionais e comportamentais nos irmãos com DT.	Avaliar as características de personalidade e a qualidade da interação fraterna é crucial para identificar precocemente os irmãos em maior risco de desajustamento psicossocial.
<i>A thematic synthesis of siblings' lived experiences of autism: Distress, responsibilities, compassion and connection</i>	2020	18 estudos qualitativos (irmãos neurotípicos de pessoas com autismo).	Rever e sintetizar a literatura qualitativa sobre a experiência vivida por irmãos de pessoas autistas.	Revisão Sistemática (Síntese Temática)	Síntese temática de 18 artigos qualitativos sobre a vivência dos irmãos, selecionados em 6 bases de dados.	Identificam-se responsabilidades, adaptação, emoções ambivalentes e relações fraternas complexas.	A experiência combina stress e crescimento emocional.
<i>Siblings of children with autism spectrum disorders: social support and family quality of life</i>	2020	Irmãos neurotípicos e respetivas famílias.	Analisar o impacto do apoio social na qualidade de vida familiar (QVF) na perspectiva dos irmãos de crianças com PEA.	Quantitativo / Transversal	Avaliação através de escalas estandardizadas de apoio social e de QVF aplicadas aos participantes.	Níveis elevados de apoio social, formal e informal, estão ligados a uma melhor Qualidade de Vida Familiar (QVF) e ao ajustamento do irmão.	O reforço das redes de apoio social à família é uma estratégia indireta mas altamente eficaz para melhorar o bem-estar e a resiliência dos irmãos neurotípicos.
<i>Emotional-behavioral disorders in healthy siblings of children with neurodevelopmental disorders.</i>	2020	Irmãos com DT de crianças com PND (incluindo PEA)	Investigar o risco e a presença de problemas emocionais e comportamentais nestes irmãos.	Quantitativo / Transversal	Avaliação psicométrica transversal focada em sintomatologia internalizante e externalizante.	Os irmãos destas crianças revelam uma maior vulnerabilidade e risco acrescido de desenvolver problemas de ansiedade ou humor depressivo.	É imperativa a monitorização clínica atenta e a disponibilização de apoio psicológico preventivo para os irmãos de crianças com PND.
<i>Seeing strengths: Young adults and their siblings with autism or intellectual disability</i>	2020	Jovens adultos neurotípicos com irmãos com PEA ou DI.	Identificar e quantificar quais são as características positivas e as qualidades que os jovens veem nos seus irmãos com PEA/DI.	Métodos Mistos / Transversal	Codificação temática de inquéritos de resposta livre sobre as valências apontadas pelos irmãos.	Em vez da visão clássica de défice, os irmãos realçam o afeto, a honestidade e a resiliência inspiradora do irmão autista.	A literatura sobre a sobrecarga deve ser equilibrada. Promover intervenções baseadas nas forças (strengths-based approach) consolida laços duradouros e desmistifica o fardo emocional.
<i>A Meta-Analysis of Sibling-Mediated Intervention for Brothers and Sisters Who Have Autism Spectrum Disorder</i>	2021	16 estudos (crianças com PEA e irmãos com DT).	Avaliar a eficácia da intervenção mediada por irmãos no ensino de competências (jogo e funcionais) e na redução de problemas de comportamento em crianças com PEA.	Meta-análise	Revisão de 16 estudos sobre mediação por irmãos em contextos sociais, com cálculo da dimensão de efeito.	Melhoria moderada de competências sociais e comunicativas na criança com PEA.	Intervenção mediada por irmãos é eficaz e viável.
<i>A systematic review of the experience of being a sibling of a child with an autism spectrum disorder</i>	2021	15 estudos qualitativos (irmãos com DT de crianças com PEA).	Sintetizar a literatura qualitativa sobre a experiência de ser irmão de uma criança com PEA, na primeira pessoa.	Revisão sistemática	Pesquisa em 6 bases de dados e síntese temática de 15 estudos incluídos	O autismo influencia a autoidentidade e o crescimento pessoal do irmão, resultando numa mistura de vivências positivas e desafiantes.	Necessidade de estratégias de coping adaptativas.
<i>Sibling Adjustment and Sibling Relationships Associated with Clusters of Needs in Children with Autism: A Novel Methodological Approach</i>	2021	Diádes de irmãos (um irmão neurotípico e um irmão com PEA).	Estudo sobre como os diferentes agrupamentos ou a severidade das necessidades na PEA influenciam o ajustamento do irmão e a qualidade da relação.	Quantitativo / Transversal	Análise de clusters e regressões para identificar perfis de necessidade (PEA) e o seu impacto no irmão com DT.	Maior severidade comportamental na PEA associa-se a pior ajustamento fraterno.	A natureza heterogénea da PEA impede a generalização do apoio, sendo crucial identificar o perfil de necessidade específico para definir o volume de suporte psicossocial para o irmão.

Título	Ano	Amostra	Objetivo	Tipo de estudo	Métodos	Resultados	Discussão/Conclusão
<i>Through the eyes of a child: Sibling perspectives on having a sibling diagnosed with autism</i>	2021	Crianças em idade escolar, irmãos de crianças com PEA.	Captar a perspectiva da criança sobre o que significa ter um irmão com autismo, focando a sua compreensão do diagnóstico e as interações lúdicas.	Qualitativo / Transversal	Utilização de métodos adequados à idade (entrevistas adaptadas, desenhos) para extrair as experiências das crianças.	Apesar da confusão sobre o diagnóstico e da percepção de desigualdade na atenção dos pais, as crianças desenvolvem formas criativas de adaptar a interação com o irmão.	É imperativo fornecer psicoeducação adequada à idade de desenvolvimento da criança. Explicar o diagnóstico de forma simples reduz a ansiedade, a confusão e melhora a qualidade da relação fraterna precoce.
<i>Acceptability of A Virtual Mind-Body Group Intervention for Teen Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder</i>	2022	Irmãos adolescentes de crianças com PEA.	Avaliar a aceitabilidade de uma intervenção virtual de grupo (8 sessões) baseada na resiliência e práticas mente-corpo para estes adolescentes.	Métodos Mistos / Transversal (Estudo de Aceitabilidade)	Avaliação de resultados quantitativos e qualitativos via questionários aplicados aos participantes da intervenção.	Elevada aceitação e melhoria na gestão de stress em adolescentes.	Intervenções virtuais são viáveis e bem aceites.
<i>Challenges and Growth: Lived Experience of Adolescents and Young Adults (AYA) with a Sibling with ASD</i>	2022	20 irmãos neurotípicos e 21 pais de indivíduos com PEA.	Explorar as experiências vividas por irmãos adolescentes e jovens adultos, identificando as suas aprendizagens, stressores e preocupações.	Qualitativo / Transversal	Realização de entrevistas aos irmãos neurotípicos e aos pais, com posterior análise temática dos relatos.	Identificaram-se como temas a empatia, o peso da dependência funcional na relação, a dificuldade em falar sobre o irmão com amigos e a hipervigilância constante.	A vivência fraterna na PEA combina crescimento pessoal e resiliência com desafios emocionais, sendo crucial compreender estes fatores para apoiar o <i>coping</i> dos jovens.
<i>Empathy and Prosocial Behavior in Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder: a Systematic Review</i>	2022	18 estudos (1226 irmãos de crianças com PEA).	Sistematizar a evidência sobre os níveis de empatia e de comportamento pró-social em irmãos de crianças com PEA.	Revisão sistemática	Análise de 18 estudos quantitativos sobre empatia e comportamento pró-social publicados até março 2020.	Irmãos de pessoas com PEA exibem níveis normativos de empatia e comportamentos pró-sociais, pontuando ocasionalmente acima dos pares neurotípicos.	Apesar da partilha de risco genético, a convivência com um irmão com PEA não tem um impacto negativo na empatia, podendo mesmo potenciar o desenvolvimento sociomoral e pró-social.
<i>Lived Experiences of Siblings of Individuals with Autism Spectrum Disorder in India: An Interpretative Phenomenological Analysis</i>	2022	Jovens irmãos de pessoas com PEA.	Explorar a experiência vivida e a construção de sentido destes irmãos, tendo em conta o impacto de um contexto cultural específico.	Qualitativo / Transversal	Utilização de Análise Fenomenológica Interpretativa em entrevistas semiestruturadas.	O ambiente cultural intensifica o estigma social e as expectativas de cuidado futuro, embora se verifique crescimento pós-traumático e uma maturidade precoce.	Os stressores psicossociais dependem do contexto sociocultural, pelo que as intervenções devem ser adaptadas para auxiliar na gestão do estigma e do futuro.
<i>The Quality of Life among Siblings of Autistic Individuals: A Scoping Review</i>	2023	Estudos focados em irmãos de indivíduos autistas.	Mapear a literatura disponível sobre a Qualidade de Vida (QdV) destes irmãos e identificar os fatores associados.	Scoping Review	Pesquisa sistemática para extrair determinantes da QdV em irmãos neurotípicos.	A QdV dos irmãos é influenciada negativamente por comportamentos desafiantes e stress parental, mas protegida por boas estratégias de coping e apoio social.	A evidência sublinha a necessidade de abordagens centradas na família e a urgência de mais estudos longitudinais para perceber como a QdV evolui ao longo do tempo.
<i>Parentification, distress, and relationship with parents as factors shaping the relationship between adult siblings and their brother/sister with disabilities.</i>	2023	Irmãos adultos de pessoas com deficiência (incluindo PEA).	Analisar de que forma a parentificação precoce e o sofrimento psicológico (distress) afetam a qualidade da relação fraterna na idade adulta.	Quantitativo / Transversal	Recolha de dados por questionários e análise via modelos de equações estruturais.	Níveis elevados de parentificação precoce correlacionam-se com maior <i>distress</i> na vida adulta e com o desgaste do afeto e da qualidade da relação fraterna	Prevenir a sobrecarga de responsabilidades na infância é essencial para garantir o ajustamento psicológico e o envolvimento saudável do irmão na idade adulta.
<i>Examining clinical characteristics of autism and links with parent perceptions of sibling relationship quality</i>	2023	Crianças/jovens com PEA, irmãos neurotípicos e respetivos pais.	Identificar que características clínicas específicas da criança com PEA impactam a qualidade da relação fraterna na visão dos pais.	Quantitativo / Transversal	Análise de regressão transversal sobre sintomas, afeto e conflito na diáde, via relatórios parentais.	A agressividade e a oposição na criança com PEA são os principais preditores de conflito e distanciamento entre irmãos, mais do que os défices sociais típicos do autismo.	Mitigar os problemas de comportamento disruptivo do indivíduo com PEA é o passo terapêutico mais crítico para proteger e melhorar o laço com o irmão com DT.
<i>"Sometimes I Feel Grateful...": Experiences of the Adolescent Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder in Malaysia</i>	2023	Irmãos adolescentes de indivíduos com PEA.	Captar as experiências na primeira pessoa de adolescentes num contexto asiático sobre o que significa viver com um irmão com autismo.	Qualitativo / Transversal	Uso de entrevistas em profundidade com análise temática para identificar significados e estratégias de coping.	Apesar das frustrações com rotinas e estigma, os adolescentes sublinham o crescimento pós-traumático, manifestado em maior tolerância, compaixão e gratidão.	As intervenções psicossociais não devem focar-se exclusivamente na eliminação do stress, mas também potenciar ativamente estas narrativas de força e construção de sentido (<i>meaning-making</i>) características da resiliência adolescente.

Título	Ano	Amostra	Objetivo	Tipo de estudo	Métodos	Resultados	Discussão/Conclusão
<i>Close Relationships Despite the Challenges: Sibling Relationships and Autism</i>	2024	10 irmãos neurotípicos de adolescentes com autismo.	Explorar as experiências vividas por irmãos de adolescentes com autismo no contexto familiar.	Qualitativo / Transversal	Entrevistas em profundidade a 10 irmãos neurotípicos com análise por síntese temática (socioconstrutivista).	Relações próximas coexistem com confusão de papéis e sobrecarga.	Clarificação de papéis melhora o bem-estar familiar.
<i>Experiences of siblings of individuals with developmental disabilities: A meta-synthesis of qualitative studies</i>	2024	Estudos qualitativos envolvendo irmãos de indivíduos com PND.	Sintetizar a evidência qualitativa sobre as vivências, necessidades de apoio e desafios diários destes irmãos.	Meta-síntese Qualitativa	Pesquisa em bases de dados e síntese temática rigorosa das narrativas e relatos de experiências na primeira pessoa.	Ambivalência emocional e responsabilidades precoces são universais.	Necessidade de desenhar intervenções centradas na família que reconheçam o desgaste emocional e o papel vital destes irmãos, garantindo-lhes espaços próprios de apoio psicológico.
<i>Functioning of Neurotypical Siblings of Individuals with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review</i>	2024	Artigos empíricos sobre irmãos neurotípicos de pessoas com PEA.	Sistematizar a literatura mais recente sobre o bem-estar social, emocional e psicológico destes irmãos.	Revisão Sistemática	Avaliação metodológica e compilação de achados recentes sobre o funcionamento psicossocial fraterno.	A literatura revela perfis mistos: enquanto muitos irmãos evidenciam forte resiliência, elevada empatia e maturidade, outros relatam sintomas de ansiedade, depressão e solidão.	O ajustamento psicossocial é mediado por fatores como o ambiente familiar e a severidade da PEA. Avaliação individualizada é essencial.
<i>'It Feels Very Weird and Normal at the Same Time': Sibling Perceptions of Their Relationships With an Autistic Brother or Sister With Complex Care Needs</i>	2024	Irmãos neurotípicos de indivíduos com PEA e necessidades complexas.	Compreender as percepções e a vivência da relação fraterna em contextos de autismo severo ou com comorbilidades complexas.	Qualitativo / Transversal	Entrevistas em profundidade analisadas de forma temática para explorar a vivência em cenários de elevada exigência familiar.	Relação marcada por aceitação e elevada carga de cuidado.	Necessário apoio para gestão de limites.
<i>Family history of psychiatric conditions and development of siblings of children with autism</i>	2024	Irmãos mais novos (bebês) de crianças com PEA.	Avaliar como o historial psiquiátrico na família alargada afeta as trajetórias de desenvolvimento clínico dos irmãos.	Quantitativo / Longitudinal (Estudo de Coorte)	Avaliações de desenvolvimento seriadas em coortes de bebês irmãos e cruzamento com registos psiquiátricos familiares.	História psiquiátrica familiar associa-se a maior risco de problemas de desenvolvimento.	O risco clínico destes irmãos não advém apenas da partilha ambiental, mas sim de uma forte carga genética psiquiátrica partilhada em toda a árvore genealógica.
<i>Experiences of siblings of individuals with autism spectrum disorders</i>	2025	8 irmãos de indivíduos com PEA.	Explorar as experiências vivenciadas por estes irmãos, focando os desafios diários, a compreensão do diagnóstico e as estratégias de coping.	Qualitativo / Transversal	Abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas a 8 irmãos e análise temática.	Irmãos enfrentam dificuldades de compreensão, comunicação e estigma, mas utilizam coping adaptativo e planeiam o futuro.	O estudo destaca a resiliência e adaptação destes irmãos, sublinhando a necessidade de apoio parental e profissional na gestão de desafios e no planeamento futuro.
<i>Early Recognition and Intervention in SIBlings at High Risk for Neurodevelopment Disorders (ERI-SIBS): a controlled trial of an innovative and ecological intervention for siblings of children with autism spectrum disorder</i>	2025	Irmãos (bebês em risco elevado) de crianças com PEA.	Avaliar a eficácia da intervenção ecológica e precoce (ERI-SIBS) no neurodesenvolvimento destes irmãos.	Quantitativo / Ensaio Clínico Controlado	Ensaio controlado focado na vigilância e intervenção precoce no ambiente natural (casa).	Melhoria nas trajetórias de neurodesenvolvimento dos irmãos em risco.	Intervenções precoces revelam-se uma ferramenta bastante promissora para mitigar riscos de desenvolvimento nesta população.
<i>"Am I My Sibling's Keeper?": the lived experiences of adult siblings of individuals with Autism Spectrum Disorder in China</i>	2025	Irmãos adultos de pessoas com PEA.	Explorar o impacto das expectativas culturais (dever filial) na vida, stress e assunção de cuidados por parte destes adultos.	Qualitativo / Transversal	Análise temática a partir de entrevistas em profundidade focadas nas dinâmicas culturais e no futuro.	Pressão cultural associada a ansiedade e responsabilidade futura.	Intervenções devem ser culturalmente sensíveis.

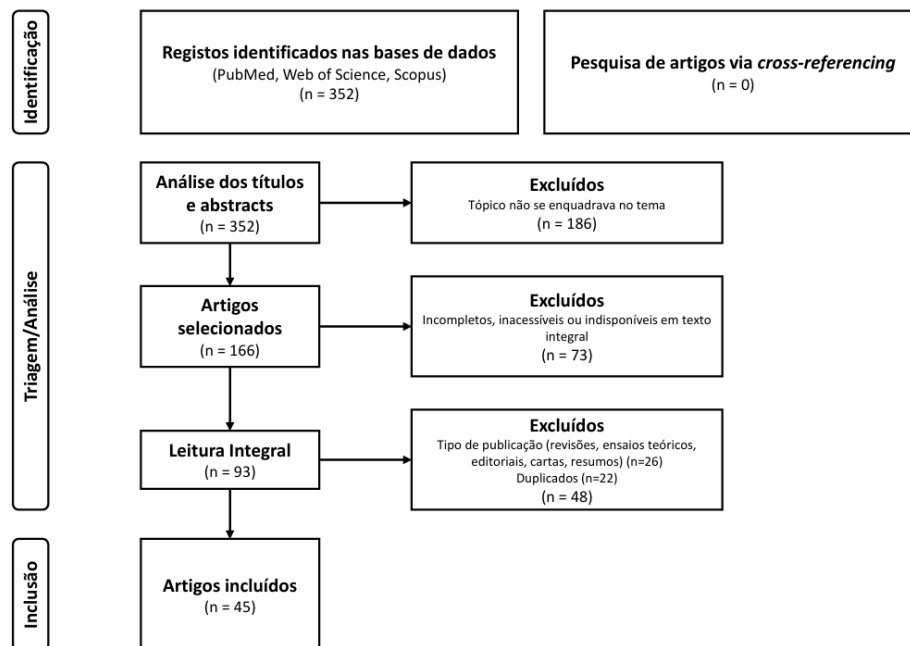


Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção

7. Bibliografia

1. American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). American Psychiatric Association.
2. Annunziata, S., Purpura, G., Piazza, E., Meriggi, P., Fassina, G., Santos, L., Ambrosini, E., Marchetti, A., Manzi, F., Massaro, D., Tacci, A. L., Bolognesi, E., Agostini, S., La Rosa, F., Pedrocchi, A. P. G., Molina, P., & Cavallini, A. (2025). Early recognition and intervention in SIBlingS at high risk for neurodevelopment disorders (ERI-SIBS): A controlled trial of an innovative and ecological intervention for siblings of children with autism spectrum disorder. *Frontiers in Pediatrics*, 12, 1467783. <https://doi.org/10.3389/fped.2024.1467783>
3. Barak-Levy, Y., Goldstein, E., & Weinstock, M. (2010). Adjustment characteristics of healthy siblings of children with autism. *Journal of Family Studies*, 16(2), 155–164. <https://doi.org/10.5172/jfs.16.2.155>
4. Begum, G., & Blacher, J. (2011). The siblings relationship of adolescents with and without intellectual disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 32(5), 1580–1588. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2011.01.056>
5. Bellia, G., Chang, J., Liew, Z., Vernetti, A., Macari, S., Powell, K., & Chawarska, K. (2024). Family history of psychiatric conditions and development of siblings of children with autism. *Autism Research*, 17(8), 1665–1676. <https://doi.org/10.1002/aur.3175>
6. Bene, K., & Lapina, A. (2021). A meta-analysis of sibling-mediated intervention for brothers and sisters who have autism spectrum disorder. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, 8, 186–194. <https://doi.org/10.1007/s40489-020-00212-z>
7. Bourgeron, T. (2015). What do we know about early onset neurodevelopmental disorders? In K. Nikolich (Ed.), *Translational neuroscience: Toward new therapies* (Chapter 2). MIT Press.
8. Buist, K. L., Deković, M., & Prinzie, P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 33, 97–106.
9. Caliendo, M., Lanzara, V., Vetri, L., Roccella, M., Marotta, R., Carotenuto, M., Russo, D., Cerroni, F., & Precenzano, F. (2020). Emotional-behavioral disorders in healthy siblings of children with neurodevelopmental disorders. *Medicina*, 56(10), 491. <https://doi.org/10.3390/medicina56100491>
10. Carter, E. W., Carlton, M. E., & Travers, H. E. (2020). Seeing strengths: Young adults and their siblings with autism or intellectual disability. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 33(3), 574–583. <https://doi.org/10.1111/jar.12701>
11. Cervellione, B., Iacolino, C., Bottari, A., Vona, C., Leuzzi, M., & Presti, G. (2025). Functioning of neurotypical siblings of individuals with autism spectrum disorder: A systematic review. *Psychiatry International*, 6(2), 52. <https://doi.org/10.3390/psychiatryint6020052>

12. Chan, J. Y., & Lai, K. Y. (2016). Psychological adjustment of siblings of children with autism spectrum disorder in Hong Kong. *East Asian Archives of Psychiatry*, 26(4), 141–147.
13. Chang, J. C., Chen, Y. C., Lin, H. T., Chen, Y. L., & Gau, S. S. (2025). Identifying gut microbiota composition disparities in autistic individuals and their unaffected siblings: Correlations with clinical characteristics. *Translational Psychiatry*, 16(1), 43. <https://doi.org/10.1038/s41398-025-03768-8>
14. Chu, S. Y., Kassim, S. N. Z. B., Gan, C. H., Fierro, V., Chan, C. M. H., & Hersh, D. (2023). "Sometimes I feel grateful...": Experiences of the adolescent siblings of children with autism spectrum disorder in Malaysia. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 53(2), 795–807. <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05184-5>
15. Constantino, J. N., Zhang, Y., Frazier, T., Abbacchi, A. M., & Law, P. (2010). Sibling recurrence and the genetic epidemiology of autism. *The American Journal of Psychiatry*, 167(11), 1349–1356. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2010.09101470>
16. Dempsey, A. G., Llorens, A., Brewton, C., Mulchandani, S., & Goin-Kochel, R. P. (2012). Emotional and behavioral adjustment in typically developing siblings of children with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 42(7), 1393–1402. <https://doi.org/10.1007/s10803-011-1368-9>
17. Feinberg, M. E., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2012). The third rail of family systems: Sibling relationships, mental and behavioral health, and preventive intervention in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 43–57. <https://doi.org/10.1007/s10567-011-0104-5>
18. Fell, L., Goshe, B., Traeger, L., Perez, G., Iannuzzi, D., Park, E., Kuhlthau, K., & Luberto, C. (2022). Acceptability of a virtual mind-body group intervention for teen siblings of children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 52(12), 5243–5252. <https://doi.org/10.1007/s10803-022-05500-7>
19. Feriante, J., Shayani, A., Lauer, E., Pressman, A., & Rubin, E. (2022). Sibling Support Program: A novel peer support intervention for parents, caregivers and siblings of youth experiencing mental illness. *Healthcare*, 10(5), 908. <https://doi.org/10.3390/healthcare10050908>
20. Frazier, T. W., Youngstrom, E. A., Speer, L., Embacher, R., Law, P., Constantino, J., Findling, R. L., Hardan, A. Y., & Eng, C. (2012). Validation of proposed DSM-5 criteria for autism spectrum disorder. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 51(1), 28–40.e3. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2011.09.021>
21. Gangi, D. N., Hill, M. M., Maqbool, S., Young, G. S., & Ozonoff, S. (2021). Measuring social-communication difficulties in school-age siblings of children with autism spectrum disorder: Standardized versus naturalistic assessment. *Autism Research*, 14(9), 1913–1922. <https://doi.org/10.1002/aur.2531>
22. Garrido, D., Carballo, G., & Garcia-Retamero, R. (2020). Siblings of children with autism spectrum disorders: Social support and family quality of life. *Quality of Life Research*, 29(5), 1193–1202. <https://doi.org/10.1007/s11136-020-02429-1>

23. Genovese, D., & Quatrosi, G. (2023). Considering the family of autistic individuals - The hidden struggles of non-autistic siblings. *Indian Pediatrics*, 60(9), 705–706.
24. Godara, K., Patil, V., & Phakey, N. (2024). When a sibling has autism: Narrative review of interventions for typically developing siblings. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 46(2), 103–109. <https://doi.org/10.1177/02537176231176404>
25. Han, F., & Gao, X. (2026). "Am I my sibling's keeper?": The lived experiences of adult siblings of individuals with autism spectrum disorder in China. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 21(1), 2625293. <https://doi.org/10.1080/17482631.2026.2625293>
26. Hilton, C. L., Babb-Keeble, A., Westover, E. E., Zhang, Y., Adams, C., Collins, D. M., Karmarkar, A., Reistetter, T. A., & Constantino, J. N. (2016). Sensory responsiveness in siblings of children with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(12), 3778–3787. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2918-y>
27. Howe, N., Recchia, H., & Kinsley, C. (2023). *Sibling relations and their impact on children's development* (2nd rev. ed.). Department of Education and Centre for Research in Human Development, Concordia University.
28. Iannuzzi, D., Fell, L., Luberto, C., Goshe, B. M., Perez, G., Park, E., Crute, S., Kuhlthau, K., & Traeger, L. (2022). Challenges and growth: Lived experience of adolescents and young adults (AYA) with a sibling with ASD. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 52(6), 2430–2437. <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05135-0>
29. Kaminsky, L., & Dewey, D. (2002). Psychosocial adjustment in siblings of children with autism. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(2), 225–232. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00015>
30. Kanina, A., Larsson, H., Sjölander, A., Butwicka, A., Taylor, M. J., Martini, M. I., Lichtenstein, P., Lundberg, F. E., Onofrio, B. M., & Rosenqvist, M. A. (2023). Association between cumulative psychosocial adversity in the family and ADHD and autism: A family-based cohort study. *Translational Psychiatry*, 13(1), 282. <https://doi.org/10.1038/s41398-023-02571-7>
31. Kao, B., Plante, W., & Lobato, D. (2009). The use of the Impact on Sibling scale with families of children with chronic illness and developmental disability. *Child: Care, Health and Development*, 35(4), 505–509. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2009.00944.x>
32. Kellerman, A. M., Schwichtenberg, A. J., Tonnsen, B. L., Posada, G., & Lane, S. P. (2019). Dyadic interactions in children exhibiting the broader autism phenotype: Is the broader autism phenotype distinguishable from typical development? *Autism Research*, 12(3), 469–481. <https://doi.org/10.1002/aur.2062>
33. Knott, F., Lewis, C., & Williams, T. (2007). Sibling interaction in children with autism: A 12-month follow-up. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37, 1987–1995. <https://doi.org/10.1007/s10803-006-0347-z>

34. Kovshoff, H., Cebula, K., Tsai, H. W. J., et al. (2017). Siblings of children with autism: The Siblings Embedded Systems Framework. *Current Developmental Disorders Reports*, 4, 37–45. <https://doi.org/10.1007/s40474-017-0110-5>
35. Laghi, F., Lonigro, A., Pallini, S., & Baiocco, R. (2018). Sibling relationships and family functioning in siblings of early adolescents, adolescents and young adults with autism spectrum disorder. *Journal of Child and Family Studies*, 27, 793–801. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0921-3>
36. Lee, H., Kim, K., Kim, H., & Choi, E. K. (2025). Experiences of siblings of individuals with developmental disabilities: A meta-synthesis of qualitative studies. *Disability and Health Journal*, 18(2), 101770. <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2024.101770>
37. Leedham, A. T., Thompson, A. R., & Freeth, M. (2020). A thematic synthesis of siblings' lived experiences of autism: Distress, responsibilities, compassion and connection. *Research in Developmental Disabilities*, 97, 103547. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2019.103547>
38. Levante, A., Martis, C., Del Prete, C. M., Martino, P., Pascali, F., Primiceri, P., Vergari, M., & Lecciso, F. (2023). Parentification, distress, and relationship with parents as factors shaping the relationship between adult siblings and their brother/sister with disabilities. *Frontiers in Psychiatry*, 13, 1079608. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.1079608>
39. Longobardi, C., Prino, L. E., Gastaldi, F. G. M., & Jungert, T. (2019). Sibling relationships, personality traits, emotional, and behavioral difficulties in autism spectrum disorders. *Child Development Research*, 2019, 9576484. <https://doi.org/10.1155/2019/9576484>
40. Lovell, B., & Wetherell, M. A. (2016). The psychophysiological impact of childhood autism spectrum disorder on siblings. *Research in Developmental Disabilities*, 49-50, 226–234. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2015.11.023>
41. MacDuffie, K. E., Estes, A. M., Peay, H. L., Pruett, J. R., Jr., & Wilfond, B. S. (2021). The ethics of predicting autism spectrum disorder in infancy. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 60(8), 942–945. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2021.01.006>
42. McHale, S. M., Updegraff, K. A., & Feinberg, M. E. (2016). Siblings of youth with autism spectrum disorders: Theoretical perspectives on sibling relationships and individual adjustment. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(2), 589–602. <https://doi.org/10.1007/s10803-015-2611-6>
43. McVey, A. J., Liu, Q., Bedford, S. A., Zaidman-Zait, A., Szatmari, P., Smith, I. M., Vaillancourt, T., Zwaigenbaum, L., Bennett, T., Duku, E., Elsabbagh, M., Georgiades, S., & Kerns, C. M. (2023). Examining clinical characteristics of autism and links with parent perceptions of sibling relationship quality. *Autism*, 27(2), 309–320. <https://doi.org/10.1177/13623613221094672>
44. Milevsky, A., & Singer, O. (2022). Growing up alongside a sibling with a disability: A phenomenological examination of growth and deficiency in adulthood. *Research in Developmental Disabilities*, 130, 104336. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2022.104336>

45. Molinaro, M. L., Rollo, L. E., Fletcher, P. C., & Schneider, M. A. (2020). Having a sibling with ASD: Perspectives of siblings and their parents. *Comprehensive Child and Adolescent Nursing*, 43(1), 35–47. <https://doi.org/10.1080/24694193.2018.1559256>
46. Morris-Rosendahl, D. J., & Crocq, M. A. (2020). Neurodevelopmental disorders—The history and future of a diagnostic concept. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 22(1), 65–72. <https://doi.org/10.31887/DCNS.2020.22.1/macrocq>
47. Orm, S., Vatne, T., & Tomeny, T. S. (2022). Empathy and prosocial behavior in siblings of children with autism spectrum disorder: A systematic review. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, 9, 235–248. <https://doi.org/10.1007/s40489-021-00251-0>
48. Orsmond, G. I., & Fulford, D. (2018). Adult siblings who have a brother or sister with autism: Between-family and within-family variations in sibling relationships. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(12), 4090–4102. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3669-8>
49. Orsmond, G. I., Kuo, H. Y., & Seltzer, M. M. (2009). Siblings of individuals with an autism spectrum disorder: Sibling relationships and wellbeing in adolescence and adulthood. *Autism*, 13(1), 59–80. <https://doi.org/10.1177/1362361308097119>
50. Orsmond, G. I., & Seltzer, M. M. (2007). Siblings of individuals with autism spectrum disorders across the life course. *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews*, 13(4), 313–320. <https://doi.org/10.1002/mrdd.20171>
51. Orsmond, G. I., & Seltzer, M. M. (2009). Adolescent siblings of individuals with an autism spectrum disorder: Testing a diathesis-stress model of sibling well-being. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 39(7), 1053–1065. <https://doi.org/10.1007/s10803-009-0722-7>
52. Oti-Boadi, M., Salifu Yendork, J., Omari, E. B., & Oppong, S. (2023). Experiences of siblings of individuals with autism spectrum disorders. *International Journal of Developmental Disabilities*, 71(3), 428–441. <https://doi.org/10.1080/20473869.2023.2246764>
53. Parikh, C., Iosif, A. M., & Ozonoff, S. (2021). Brief report: Use of the Infant-Toddler Checklist in infant siblings of children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 51(3), 1007–1012. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04468-6>
54. Petalas, M., Hastings, R., Nash, S., Reilly, D., & Dowey, A. (2012). The perceptions and experiences of adolescent siblings who have a brother with autism spectrum disorder. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 37(4), 303–314. <https://doi.org/10.3109/13668250.2012.734603>
55. Quatrosi, G., Genovese, D., Amodio, E., & Tripi, G. (2023). The quality of life among siblings of autistic individuals: A scoping review. *Journal of Clinical Medicine*, 12(3), 735. <https://doi.org/10.3390/jcm12030735>

56. Rixon, L., Hastings, R. P., & Kovshoff, H. (2025). 'It feels very weird and normal at the same time': Sibling perceptions of their relationships with an autistic brother or sister with complex care needs. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 38(1), e70009. <https://doi.org/10.1111/jar.70009>
57. Rixon, L., Hastings, R. P., Kovshoff, H., & Bailey, T. (2021). Sibling adjustment and sibling relationships associated with clusters of needs in children with autism: A novel methodological approach. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 51(11), 4067–4076. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04854-0>
58. Schmeer, A., Harris, V., Forthun, L., Valcante, G., & Visconti, B. (2021). Through the eyes of a child: Sibling perspectives on having a sibling diagnosed with autism. *Research in Developmental Disabilities*, 119, 104066. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.104066>
59. Shivers, C. M., Jackson, J. B., & McGregor, C. M. (2019). Functioning among typically developing siblings of individuals with autism spectrum disorder: A meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 22(2), 172–196. <https://doi.org/10.1007/s10567-018-0269-2>
60. Stocker, C. M., Gilligan, M., Klopach, E. T., Conger, K. J., Lanthier, R. P., Neppl, T. K., O'Neal, C. W., & Wickrama, K. A. S. (2020). Sibling relationships in older adulthood: Links with loneliness and well-being. *Journal of Family Psychology*, 34(2), 175–185. <https://doi.org/10.1037/fam0000586>
61. Sundelin, H. E., Larsson, H., Lichtenstein, P., Almqvist, C., Hultman, C. M., Tomson, T., & Ludvigsson, J. F. (2016). Autism and epilepsy: A population-based nationwide cohort study. *Neurology*, 87(2), 192–197. <https://doi.org/10.1212/WNL.0000000000002836>
62. Thomas, S., Reddy, N. K., & Sagar, K. J. V. (2016). Review on psychosocial interventions for siblings of children with autism spectrum disorder (ASD). *Journal of Psychosocial Rehabilitation and Mental Health*, 3, 101–107. <https://doi.org/10.1007/s40737-016-0064-7>
63. Tibbetts, G., & Scharfe, E. (2015). Oh, brother (or sister)!: An examination of sibling attachment, conflict, and cooperation in emerging adulthood. *Journal of Relationships Research*, 6, e8. <https://doi.org/10.1017/jrr.2015.4>
64. Trew, S. (2025). Close relationships despite the challenges: Sibling relationships and autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 55, 2989–3001. <https://doi.org/10.1007/s10803-024-06412-4>
65. Tsai, H. J., Cebula, K., Liang, S. H., & Fletcher-Watson, S. (2018). Siblings' experiences of growing up with children with autism in Taiwan and the United Kingdom. *Research in Developmental Disabilities*, 83, 206–216. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2018.09.001>
66. Viswanathan, P., Kishore, M. T., & Seshadri, S. P. (2022). Lived experiences of siblings of individuals with autism spectrum disorder in India: An interpretative phenomenological analysis. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 44(1), 45–52. <https://doi.org/10.1177/02537176211029111>

67. Walton, K. M., & Ingersoll, B. R. (2015). Psychosocial adjustment and sibling relationships in siblings of children with autism spectrum disorder: Risk and protective factors. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(9), 2764–2778. <https://doi.org/10.1007/s10803-015-2440-7>
68. Ward, B., Tanner, B. S., Mandleco, B., Dyches, T. T., & Freeborn, D. (2016). Sibling experiences: Living with young persons with autism spectrum disorders. *Pediatric Nursing*, 42(2), 69–76.
69. Watson, L., Hanna, P., & Jones, C. J. (2021). A systematic review of the experience of being a sibling of a child with an autism spectrum disorder. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 26(3), 734–749. <https://doi.org/10.1177/13591045211007921>
70. Whiteman, S. D., McHale, S. M., & Soli, A. (2011). Theoretical perspectives on sibling relationships. *Journal of Family Theory & Review*, 3(2), 124–139. <https://doi.org/10.1111/j.1756-2589.2011.00087.>

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR

